

SABERES-PRÁTICAS SOBRE ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.

Juliana Silva Santana ¹
Francisca Geny Lustosa ²

RESUMO

Espera-se, com base nos documentos oficiais que regem a educação brasileira, que por volta dos 8 anos ou até o final do 2º ano do Ensino Fundamental as crianças estejam alfabetizadas. Contudo, tal realidade não se concretiza para todas as crianças, emergindo a problemática dos estudantes em situação de dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, que suscita diferentes saberes-práticas docentes para a mediação das aprendizagens daqueles que, por motivos diversos, não se apropriaram do Sistema de Escrita Alfabética conforme o esperado para a etapa de escolarização. Assim, esse estudo dedicou-se a investigar como a comunidade científica vêm abordando a temática dos saberes-práticas docentes sobre as dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, durante a última década, tomando como fonte de construção de dados o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O recorte para análise foi agrupado nas categorias: a) concepções/saberes de professores sobre as dificuldades na aprendizagem; b) mediação/práticas pedagógicas e utilização de recursos pedagógicos que otimizem a experiência de aprendizagem em estudantes que apresentam dificuldades e c) a relação saberes-práticas sobre dificuldades na aprendizagem. Diante do número de apenas 23 pesquisas focadas nessas temáticas, os dados mostraram as diferentes compreensões sobre o que acredita-se ser a dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita e a influência disso no contexto de sala de aula, além de salientar o importante papel do professor como mediador das aprendizagens.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Dificuldades na leitura e escrita, Saberes-práticas docentes.

INTRODUÇÃO

A alfabetização de crianças é uma conquista bastante esperada pela escola, pelo indivíduo aprendente e pela sociedade, visto a sua importância para o desenvolvimento escolar e social, considerando a realidade grafocentrada em que vivemos.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), as habilidades de leitura e escrita devem consolidar-se, inicialmente, durante o chamado “Ciclo de Alfabetização”, período que compreende o 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, onde espera-se que a criança conheça o Sistema de Escrita Alfabética e faça uso social dele, ou seja, leia e

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Ceará - UFC, juliana.santana@uece.br;

² Professora orientadora: Doutora, Faculdade de Educação - UFC, franciscageny@yahoo.com.br, (83) 3322.3222

escreva convencionalmente, desenvolvendo-se continuamente no decorrer da vida escolar do indivíduo, mediado, entre outros, por suas experiências sociais.

Para alcançar tão complexa meta, considerando o contexto escolar e social existente, inúmeros são os esforços relacionados ao ensino e aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética, às vivências de leitura e escrita pelas crianças na escola e a mobilização de saberes-práticas docentes sobre a alfabetização, intencionando otimizar os processos de aquisição e desenvolvimento da língua escrita, assim como, os resultados desses processos.

Os dados nacionais sobre a alfabetização dos estudantes das escolas da rede pública, divulgados com base na última Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), em 2016, ainda relacionados ao ciclo de alfabetização em três anos, revelam que mais da metade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental (54,73%), permanecem em níveis insuficientes de aprendizagem, apresentando dificuldades na leitura, escrita e matemática³, o que inquieta e desperta o desejo de melhor compreender tal cenário.

Sendo assim, interessa-nos saber como a comunidade científica tem refletido sobre a questão das dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita na última década, a partir dos seguintes questionamentos: o que são tais dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita? O que os professores sabem sobre elas? E, com base nesses saberes, quais ações pedagógicas são mobilizadas?

As reflexões sobre estas perguntas são provenientes de uma pesquisa exploratória⁴ realizada no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que intencionou aproximar-se de um panorama bastante complexo – o das dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita - não esgotando as possibilidades de categorização e análise, mas enfocando, algumas reflexões pertinentes ao campo de estudos da Educação.

Assim, estabelecemos como objetivo geral deste estudo, investigar como a comunidade científica vêm abordando a temática das dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita durante a última década, considerando, sobretudo, os campos dos saberes-práticas dos

³ Dados disponíveis em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=75181-resultados-ana-2016-pdf&category_slug=outubro-2017-pdf&Itemid=30192 /Acesso em: 08/04/2018

⁴ Dados coletados na pesquisa exploratória da tese, em construção, “*Desenvolvimento escolar de estudantes em situação de dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita: que saberes-práticas são mobilizados pelos docentes da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza?*”, realizada pelas autoras deste artigo e financiada pela CAPES.

professores, pensando que, tal revisão pode colaborar com a continuidade dos estudos na área, apontando algumas outras reflexões possíveis.

METODOLOGIA

No intuito de situar o tema investigado em relação ao campo de pesquisas e descobertas científicas e caracterizá-lo enquanto objeto de investigação desse estudo, realizou-se um levantamento de dissertações e teses entre os meses de fevereiro e junho de 2019 no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo esta base de dados escolhida devido à sua expressividade de divulgação de pesquisas científicas.

O levantamento de pesquisas que versam sobre a temática estudada é um importante percurso a ser trilhado pelo pesquisador, visto que é nesta caminhada que desvelam-se muitas informações sobre as realidades pesquisadas, referenciais teórico-metodológicos, categorizações e análises de dados e panorama científico divulgado, entre outros.

A finalidade do “estado da questão” é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se de um momento por excelência que resulta na delimitação do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa (Nóbrega-Therrien e Therrien, 2004, p.7)

O tema em questão, os saberes-práticas dos professores em relação às dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, foi pesquisado na base de dados supracitada, utilizando-se como descritor a expressão “dificuldades na aprendizagem” e analisando, dentre as pesquisas filtradas, aquelas que se relacionam ao objeto de investigação. Nesta etapa foram listados 939.613 trabalhos. Adicionando-se o filtro “Educação”, visto que esta é a área de interesse, embora a temática também seja abordada por diferentes áreas do conhecimento como a Fonoaudiologia, a Psicologia, a Sociologia, entre outras, restou 62.798 – um número bastante significativo de pesquisas.

Devido ao grande número de pesquisas filtradas, optou-se por seguir com a leitura dos títulos e listagem de pesquisas afins até o número 641, onde começaram a aparecer temáticas diversas, que se distanciavam na palavra-chave. O intuito não foi esgotar esse mapeamento, visto o quantitativo (62 798 pesquisas), mas conseguir perceber o movimento nesse intervalo de tempo.

Após esses passos, deu-se continuidade à coleta observando o título das pesquisas e selecionando aquelas que se aproximam com este estudo, no que se refere aos saberes, práticas docentes e caracterização das dificuldades na aprendizagem e dos alunos em situação de dificuldade. Também considerou-se as pesquisas que trataram esse assunto sob o enfoque da leitura e escrita, desconsiderando aquelas que se dedicaram às dificuldades na aprendizagem da Matemática ou outras áreas do conhecimento.

Outro critério de seleção foi a escolha da data de publicação do trabalho: os anos de 2008 a 2018, que deu-se em decorrência do marco que a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) representa no nosso sistema de ensino, considerando que os alunos em situação de dificuldades na aprendizagem já foram público-alvo de atendimentos especializados e, deixaram de sê-lo, após a implementação dela, no ano de 2008, mas, sobretudo, pela intensificação nas reflexões e compreensões sobre a educação inclusiva provenientes da implantação desta política nas escolas.

Assim, chegamos ao total de 23 pesquisas, realizadas na última década, sendo 2 em 2008, 5 em 2009, 2 em 2010, 1 em 2011, 3 em 2012, 1 em 2013, 2 em 2015, 3 em 2016, 2 em 2017 e 2 em 2018.

Estas pesquisas atendem aos critérios de seleção para revisão, referente à temática das dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, considerando os saberes-práticas docentes.

DESENVOLVIMENTO

As diferentes concepções sobre alfabetização, (re) construídas ao longo dos anos, com interferência das pesquisas científicas e do desenvolvimento social e escolar, podem interferir de forma significativa na avaliação de um estudante em situação de dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita e na forma como o professor pode intervir nesses casos.

Pautados nas múltiplas ideias, que podem ir desde a prontidão para alfabetização até a compreensão de que cada criança tem o seu ritmo e estilo de aprendizagem, a forma como o professor avalia o desenvolvimento de cada aprendiz está relacionada ao que ele sabe sobre alfabetização e “não alfabetização”, assim como, às compreensões sobre seus papéis enquanto mediador (ou não!) das aprendizagens.

Todo esse leque de possibilidades e interpretações provém de uma rica história da alfabetização no Brasil, pautada principalmente na questão dos métodos de ensino que, vale

salientar, modificaram-se no decorrer dos anos e das experiências, sobretudo, pela busca de “solucionar” a questão da não aprendizagem ou das dificuldades enfrentadas pelos estudantes neste processo (MORTATTI, 2006).

A grave problemática do fracasso na aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita já é real na escola brasileira, sobretudo a pública, há anos e, embora considerem-se os mais complexos motivos para tal – contexto econômico e social, acompanhamento familiar, oportunidades de letramento, déficits biológicos, intrínsecos, entre outros – a forma como o sistema de escrita alfabético é ensinado pareceu extremamente importante, em diferentes dimensões.

Mortatti (2006), em seus estudos sobre os métodos de alfabetização no Brasil, mostra que, desde a Proclamação da República, discute-se formas de ensinar a ler e a escrever. Métodos que valorizam o ensino “da parte para o todo”, seguindo a sequência de saberes: letras e seus sons, sílabas, palavras, frases e textos (sintético), ou que, ao contrário, intensificam o ensino “do todo para a parte”, considerando o uso de pequenos textos, palavração e setenciação (método analítico) ou a mistura de metodologias, configurando processos mistos têm sido utilizados até os dias atuais na busca pelo sucesso na alfabetização das crianças.

Todavia, vale salientar que, desde a década de 80, em decorrência da verdadeira revolução conceitual proveniente da veiculação das ideias construtivistas, sobretudo dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com a Psicogênese da Língua Escrita (1999), a desmetodização vêm sendo defendida, ao considerar que a criança não é uma “folha em branco” e, nem tampouco, uma “esponja”, mas sim um ser pensante, crítico, reflexivo e protagonista de suas aprendizagens.

A importância de refletir sobre os métodos de ensino ou sobre as diferentes formas de vivenciar o ensino e aprendizagem da língua escrita está, também, em perceber que, devido à heterogeneidade dos estudantes, de seus ritmos e estilos de aprendizagem, possivelmente jamais conseguiremos encontrar uma receita, uma forma única de alfabetizar crianças. Nesse sentido, é salutar que atualmente, professores façam uso de diversas concepções e metodologias de alfabetização, mesmo aquelas ditas “ultrapassadas”, pois, em muitos casos, estão em busca de fazer dar certo, de alcançar a alfabetização de crianças.

Considera-se, ainda, que este fazer também está ligado ao saber e não saber docente sobre as descobertas no campo da alfabetização, bem como as vivências ou ausência delas em sala de aula. A autora, ao explicar tal fenômeno, destaca que “Há uma interposição de aspectos diante dos significativos avanços; trata-se de uma relação dialética” (MORTATTI, 2006).

Atualmente, a perspectiva construtivista de alfabetização vem sendo amplamente estudada nas universidades, aparecendo, em alguns cursos de Pedagogia, como a principal abordagem teórica sobre o tema⁵. Nela, entende-se que a criança pensa sobre a escrita e desenvolve suas hipóteses em diferentes níveis de aprendizagem, hierárquicos e com características específicas, devendo ser estimulado, sobretudo pelo professor, para que possa alcançar níveis mais elevados de conhecimento através da reconstrução de suas aprendizagens. São as chamadas “etapas de estruturação do conhecimento” (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p.37).

De acordo com a Psicogênese da Língua Escrita, as crianças apresentam quatro níveis estruturais de linguagem, a saber: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, cada um deles com suas especificidades. Vale destacar que é possível que a criança passe de um nível para outro mesmo apresentando algumas características do nível anterior, isso porque o processo é contínuo, construtivo, interativo. Todavia, o que é pertinente afirmar, é que a cada nova experiência, a cada nova interação e aprendizagem, o sujeito constrói hipóteses mais elaboradas.

De acordo com o sistema seriado em que se organiza a educação brasileira, espera-se que a criança atinja os estágios de leitura e escrita inicial, intermediário ou fluente já ao final do 2º ano do Ensino Fundamental. Todavia, mesmo diante de alguns sistemáticos esforços escolares, algumas crianças não conseguem desenvolver a leitura e escrita nesses anos, ficando em situação de dificuldades na aprendizagem.

A literatura mostra que as dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita podem se dar por motivos intrínsecos ao sujeito aprendiz ou extrínsecos a ele (Bossa, 2002; Paín, 1985; Sampaio, 2010; Scoz, 2011), devendo ser analisado de forma multidimensional para identificar causas e efeitos. Embora considere os fatores externos, como a situação social, psicológica e emocional do indivíduo, por exemplo, tais abordagens, sobretudo do campo da psicopedagogia, enfocam o sujeito, devendo, ele, ser acompanhado, orientado, estimulado à “equilibrar-se” ao meio e ao que se espera, em termos de escolaridade.

Já em outra perspectiva, estudos (Charlot, 2013; Patto, 2015; Soares, 2017) apontam para a reflexão sobre o fracasso na e da escola, quando compreende que as dificuldades na

⁵ Este dado foi encontrado, por exemplo, na pesquisa de mestrado de SANTANA (2014) intitulada “Saberes dos concludentes do curso de Pedagogia – UFC (2013.2) sobre dislexia”.

aprendizagem não estão coladas ao sujeito, mas são produzidas num contexto bem mais amplo que inclui a ineficiência da escola em atender às especificidades desses estudantes.

Assim, para além das questões cognitivas, precisamos discutir as questões pedagógicas de intervenção e valorização da cultura daquele público atendido na escola, assim como atentar para a forma como as desigualdades sociais se manifestam na escola, segregando a partir de um currículo elitista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreender o campo de estudos, que apresenta-se num total de 23 trabalhos, seguindo os critérios de escolha deste estudo, e por considerar este, um número significativamente pequeno de pesquisas, ampliamos a busca no quesito “tempo” para investigarmos o movimento em anos que antecederam a Política de 2008.

De 1990 a 2008, apenas 31 pesquisas foram realizadas enfocando as dificuldades na leitura e na escrita, levando em consideração os saberes-práticas dos professores na área da Educação, confirmando a necessidade de nos debruçarmos mais sobre essa temática afim de compreendê-la do ponto de vista pedagógico, das especificidades da escola e das salas de aula.

Os trabalhos selecionados encontram-se sistematizados em três categorias, a saber: a) concepções/saberes de professores sobre as dificuldades na aprendizagem; b) mediação/práticas pedagógicas e utilização de recursos pedagógico que otimizem a experiência de aprendizagem em estudantes que apresentam dificuldades; c) a relação saberes-práticas sobre dificuldades na aprendizagem, organizadas no seguinte quadro- síntese:

PESQUISAS SOBRE DIFICULDADES NA APREDIZAGEM (2008 A 2018) – BTDT	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	TOTAL DE PESQUISAS
a) Concepções/saberes de professores sobre as dificuldades na aprendizagem	9
b) Mediação/práticas pedagógicas e utilização de recursos pedagógicos que otimizem a experiência de aprendizagem em estudantes que apresentam dificuldades	13
c) A relação saberes-práticas sobre dificuldades na aprendizagem	1

Fonte: Quadro-síntese elaborado pelas autoras

A primeira categoria analisada refere-se às concepções/saberes dos professores sobre as dificuldades na aprendizagem. Tais estudos corroboram com uma importante reflexão sobre a temática visto que tais saberes, concepções e representações sociais, conceitos complexos e distintos, estão diretamente relacionados às práticas dos professores e ao incentivo, ou não, das potencialidades dos estudantes, à mobilização do próprio sujeito aprendente e ao investimento familiar.

Nesse sentido, foram realizadas 9 pesquisas, sendo 1 delas com foco na própria criança e o que ela diz sobre o que se nomeia dificuldade na aprendizagem (LIMA, 2015), 2 mistas, debruçando-se amplamente pelas percepções dos professores, pais, especialistas e alunos (LIMAO, 2017 e OLIVEIRA, 2008) e, ainda, 6 delas enfocando a perspectiva do professor (BONILHA, 2018; BIZIO, 2013; BRANDO, 2012; SOARES, 2012; MIRANDA, 2009 e RODRIGUES, 2008).

Os estudos que debruçaram-se em compreender as dificuldades na aprendizagem na perspectiva do professor, revelaram que ainda encontra-se arraigada a perspectiva da dificuldade do e no sujeito, a pouca credibilidade no potencial dessa criança, a incipiência sobre as características das dificuldades, que por vezes são confundidas com deficiência intelectual e a perspectiva patologizante como esta questão pedagógica é abordada pelos professores.

Nesse sentido, Charlot (2013) leva-nos a refletir sobre os critérios de avaliação dos professores ao classificarem seus alunos como tendo dificuldades na aprendizagem, que, por vezes, se dá sem embasamento científico; bem como os efeitos desse rótulo, que fortalecem a estrutura marginalizadora da escola, quando o professor não costuma investir em metodologias de suporte quando não acredita no potencial do estudante, permitindo que o aluno que apresenta dificuldades sinta, com o passar do tempo, cada vez mais dificuldades para aprender.

Tal ciclo pode ser quebrado mediante a intervenção mais sistemática e comprometida do professor junto ao estudante que está em situação de dificuldades. Sobre a mediação/práticas pedagógicas e utilização de recursos pedagógicos que otimizem a experiência de aprendizagem em estudantes que apresentam dificuldades, encontramos 13 trabalhos (MORGADO, 2018; MATOS, 2017; SANTOS, 2016; VENTRE, 2016; FERREIRA, 2016; SCUSSIATTO, 2015; AMARAL, 2012; DISNER, 2010; OLIVEIRA, 2010; SANTOS, 2009; MICHEL, 2009; ILVA, 2009 E BARRETO, 2008) que apontaram perspectivas de sucesso na aprendizagem de alunos em situação de dificuldades na leitura e escrita mediante a utilização de jogos e recursos tecnológicos, de práticas de letramento e ludicidade, de adequações curriculares e suportes

especializados, assim como, mediante a adoção, por parte do professor, de estratégias de prevenção das dificuldades.

Numa perspectiva inclusiva de educação, aquele que está em maior dificuldade, demanda mais esforços e reforços. Scoz (2011, p.112) salienta que “na verdade, esses alunos na maioria das vezes multirrepetentes, necessitariam de uma proposta de trabalho com maiores condições de leva-los a obter resultados positivos”, ou seja, para atingir aos específicos estilos e ritmos de aprendizagem dos estudantes em situação de dificuldades, demanda-se, do professor, mais versatilidade no ensino e no uso de recursos pedagógicos.

A relação saberes-práticas sobre dificuldades na aprendizagem foi tratada em apenas um trabalho, que reflete sobre os Problemas de aprendizagem na escola: concepções, percepções e indicações pedagógicas. Sunti (2011), ao desenvolver uma pesquisa de cunho bibliográfico, destaca as concepções sobre dificuldades na aprendizagem existentes, considerando os aspectos médicos e sociais e reflete as possibilidades de intervenção docente à luz dos teóricos da educação. Retrata que a dificuldade na aprendizagem “aprisiona” o aluno e que o professor, assim como a família, a comunidade e a escola, é “responsável” por quebrar o círculo vicioso da dificuldade.

Nessa dissertação, a autora indica que já existem referência teórica e metodológica que auxiliem no trabalho com estudantes em situação de dificuldade e que o enfrentamento dessas dificuldades é benéfico para o aluno em questão, mas também, para o professor, quanto ao enriquecimento do processo educativo e o desenvolvimento da capacidade criativa.

Em Charlot (2013), vimos a importância de, ao mesmo tempo, professor e aluno estarem mobilizados para o ensino e a aprendizagem, visto que o resultado estará intimamente articulado a essas atividades. O aluno depende do professor, mas existe uma “contradependência”, mostrando que a relação de satisfação e/ou insatisfação nos processos de aprendizagem implicam em ambas as partes – alunos e professores.

Compreender as características de aprendizagem dos estudantes, suas dificuldades e potencialidades podem reverberar na instrumentalização docente e, por consequência, na inclusão deste aluno em sala de aula. Salientamos a importância de não compreender as dificuldades de maneira “psicologizada” e “patologizante”, visto que não estão coladas ao indivíduo. Assim, mudando o eixo de visão para o que atualmente compreendemos sobre “o não-aprender do sujeito na escola pode estar ligado a diversos fatores, incluindo práticas pedagógicas a eles destinadas e até a própria visão do outro (educador, pais, sociedade) sobre

sua capacidade de aprender” (LUSTOSA, 2016, p.127), e observando as situações de dificuldades numa perspectiva mais ampla, ampliam-se também as possibilidades de interação e mediação docente, bem como a minimização ou eliminação das barreiras existentes à aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados observados com base nesse estudo não se esgotam, em si, mas nos dão subsídios para inúmeras reflexões. As dificuldades na aprendizagem na leitura e escrita são, há anos, um desafio dentro das escolas, que ainda hoje, devido sobretudo à sua complexidade, permanece ainda distante de uma solução.

Uma das importantes maneiras de colaborar com o cenário dos problemas na aprendizagem escolar está na realização de pesquisas científicas a respeito; quando seus desdobramentos influenciam na realidade pesquisada, em políticas públicas, em mobilizações educacionais ou sociais, dentre outras.

Focar na compreensão desse objeto de pesquisa numa perspectiva educacional, distancia a problemática da perspectiva médica, àquela que não nos compete, e aproxima-a dos diálogos educacionais e das perspectivas de atuações possíveis a um professor, em sua sala de aula.

Sendo assim, a compreensão sobre as dificuldades na aprendizagem emergem da relação entre professores e alunos, num contexto social e escolar próprio onde, certamente, quanto mais o professor sabe sobre as características desse estudante, suas potencialidades e dificuldades, mais ele pode intervir de forma consciente e assertiva.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aline Martins Franco do. **Dificuldades de aprendizagem: análise de uma prática pedagógica com sucesso**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2012.

BARRETO, Lucia Cristina Dalago. **Sala de recursos: um estudo da aprendizagem da leitura por alunos com dificuldades escolares**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2008.

BIZIO, Magda Regina Pereira. **Concepções dos professores de língua portuguesa sobre as dificuldades de leitura e escrita de seus alunos**. Dissertação (mestrado) – Centro Universitário Moura Lacerda, 2013.

BONILHA, Tamyris Proença. **Representações sociais de professores sobre as “dificuldades de aprendizagem”**: efeitos de um processo de intervenção. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2018.

BRANDO, Maria Fourpome. **Análise da atividade docente: em busca dos sentidos e significados constituídos pelo professor acerca das dificuldades de aprendizagem.** Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.

DISNER, Marina Paiva Ramos. **Implicações pedagógicas na apropriação da escrita por alunos identificados com dificuldades específicas na aprendizagem.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

FERREIRA, Juliana. **O uso de objetos de aprendizagem como recurso de apoio às dificuldades na alfabetização.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ILVA, Damares Souza. **Avaliação do repertório de leitura de alunos da 3ª série do Ensino Fundamental: uma análise das dificuldades apresentadas.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

LIMA, Maria Alice Moreira. **O que a criança tem a dizer sobre o que se nomeia como dificuldades na aprendizagem.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

LIMAO, Eliane Fernandes. **Concepções de professores, de pais e de especialistas acerca dos processos de avaliação e de escolarização de alunos com dificuldades de aprendizagem: a narrativa de uma experiência.** Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2017.

LUSTOSA, Francisca Geny. **Circulação das ideias psicopedagógicas: sua contribuição no Brasil.** In: CAVALCANTE, Maria Juraci; HOLANDA, Patricia Helena Carvalho; LUSTOSA, Francisca Geny e DIAS, Roberto Barros (orgs) *Histórias de Pedagogia, Ciência e Religião: discursos e correntes de cá e do além-mar.* Fortaleza: Edições UFC, 2016, p. 121-142.

MATOS, Ana Paula da Silva. **Tecnologias digitais na educação de alunos com necessidades especiais que apresentam dificuldades na aprendizagem.** Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Sapucaí, 2017.

MICHEL, Neuza Barbosa. **Adaptação curricular individualizada de alunos disléxicos em atendimento psicopedagógico em escolas municipais de Esteio/ RS.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009

MIRANDA, Joana Domitilia de Olivia. **Sentidos e significados atribuídos pelo professor às dificuldades de aprendizagem.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

MORGADO, Camila Lourenço. **Uso de jogos digitais com crianças com dificuldades de aprendizagem:** em estudo de caso em uma intervenção pedagógica. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, 2018;

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

OLIVEIRA, Jaima Pinheiro de. **Efeitos de um programa de intervenção metatextual em escolares com dificuldades de aprendizagem.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

OLIVEIRA, Vanda Spieker de. **Percepções de alunos, seus professores e pais sobre o não-aprender:** um estudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1993.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades escolares?:** um estudo sobre a visão dos professores. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SANTANA, Juliana Silva. **Saberes dos concludentes do curso de Pedagogia – UFC (2013.2) sobre dislexia/** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2014.

SANTOS, Juliana Laranjeira Pereira dos. **O projeto pedagógico como estratégia de prevenção das dificuldades de aprendizagem:** o caso Escola Municipal João Carlos. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, 2009.

SANTOS, Juliana Maria Soares dos. **Letramento e ludicidade: superando dificuldades da leitura na alfabetização.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

SCUSSIATTO, Caroline Carminatti. **Prática pedagógica e dificuldades de aprendizagem: processos de inclusão e exclusão na perspectiva dos professores.** Dissertação (mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, 2015.

SOARES, Angela Mara Berlando. **Dificuldades de aprendizagem: uma discussão sobre as concepções de professoras.** Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 18.ed São Paulo: Contexto, 2017.

SUNTI, Loreni Renita Telles. **Problemas de aprendizagem na escola: concepções, percepções e indicações pedagógicas.** Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo, 2012.

VENTRE, Denise Estafor. **A docência diante dos diferentes processos de aprendizagem dos alunos.** Dissertação (mestrado) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.